P&G AND THE EFFECTS OF SEMANTIC CAPITAL

When the Questions Reach Home



FERDINANDO FREGA

A P&G E OS EFEITOS DO CAPITAL SEMÂNTICO

Quando as perguntas chegam em casa

de Ferdinando Frega

A oposição natural ao capital econômico expõe a fraqueza e a ilusão de que o nome de uma marca e o seu uso sejam a própria história, como sempre acreditaram aqueles que administram o caixa da empresa. A realidade, porém, foi muito além de qualquer previsão, porque é a narrativa que sustenta tudo.

Não há precedentes reais aos quais recorrer. Por isso os efeitos não são nem totalmente conhecidos nem previsíveis, e qualquer evolução que venha continua sendo um fenômeno ligado ao tempo e ao que as mulheres vão fazer.

E aqui muitos podem perguntar o que as mulheres têm a ver com o capital semântico.

Têm tudo a ver, porque o capital semântico não vive nos balanços. Vive no julgamento.

Não nasce dentro das salas do conselho, mas nas conversas.

Não se consolida nos relatórios trimestrais, mas nas casas.

E, se existe uma categoria humana que exerce o julgamento sem pedir autorização prévia, são as mulheres.

As mulheres, você pode pensar? Então este autor reconhece poderes invisíveis no sexo oposto?

Pense só numa forma de magia que apenas as mulheres sabem fazer com os homens: elas conseguem encher o seu saco sem nunca tocar nele, e, no entanto, não são fantasmas. São simplesmente as nossas mulheres.

Os acionistas, antes de questionar e contestar os conselhos de administração, são eles mesmos convocados nos lugares mais inesperados da vida e interrogados pelas esposas, as verdadeiras guardiãs do patrimônio de cada família, que muitas vezes são as primeiras a saber o que está acontecendo, porque estão sempre lendo.

E, quando percebem que o acionista deu pouca atenção ao que se discute pela internet, começam a se perguntar se as manifestações públicas estão ligadas a acordos entre homens que não prestam contas por inteiro das suas responsabilidades nem da presença de outras pessoas atingidas pelas suas decisões.

Otimizar os recursos financeiros adquiridos, sem desperdiçá-los nem fazer más compras, continua sendo a única força verdadeira capaz de proteger um patrimônio, com a riqueza sempre em primeiro lugar.

Atrás de cada acionista, portanto, está uma esposa que sempre quer três coisas. O meu avô dizia isso o tempo todo:

Pau, grana e ter razão.

Grosseiro?

Talvez.

Errado?

Não muitas vezes.

E, se as respostas não forem satisfatórias, tudo vira um inferno.

Os acordos secretos entre homens se tornam inúteis.

Os pactos fraternos não valem mais nada.

Uma mulher não segue protocolos racionais e lógicos do jeito que os homens imaginam que ela deveria seguir. Ela segue o instinto, a intuição, a percepção e o julgamento.

E cada um de nós veio dela.

No fim, os homens que não aceitam perder para uma mulher se tornam presa de outras mulheres, a quem vão pagar o preço da sua infelicidade.

E a idade, acredite, importa muito pouco.

Porque, quando uma mulher mostra um interesse verdadeiro pelos seus pensamentos, pelas suas palavras e pela sua presença, todo o resto de repente perde valor.

Até um gerente pode ser trocado como uma cueca.

Na hora.

Pode parecer exagerado, mas mercados, empresas, carreiras e reputações muitas vezes desabaram porque os homens subestimaram forças que não conseguiam nem medir nem controlar.

É exatamente aí que o capital semântico opera.

Não nos sistemas contábeis.

Não nos modelos financeiros.

Não nos departamentos jurídicos.

Mas no território silencioso onde as percepções se tornam conversas, as conversas se tornam julgamentos, os julgamentos se

tornam decisões e as decisões acabam se tornando consequências econômicas.

Muito antes que um balanço registre o estrago.

Ferdinando